

GUIA DO EDUCADOR PARA O FILME TARZAN: EXPLORANDO A EDUCAÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DE UMA ANIMAÇÃO

EDUCATOR'S GUIDE TO THE MOVIE TARZAN: EXPLORING ENVIRONMENTAL EDUCATION WITH AN ANIMATION

Lucas Carneiro Costa 1
Joyce Paiva Silva Pereira 2
Ana Luiza Fontoura Pinheiro 3
Marcelo Diniz Monteiro de Barros 4

Resumo: Tarzan é uma criança criada na selva a partir dos cuidados da gorila Kala, após o falecimento dos seus pais, na África. A obra demonstra o desenvolvimento do menino em harmonia com a natureza, em contraste com outros personagens que exploram os recursos naturais da região. O Guia do Educador propõe apresentar o filme Tarzan (1999) como recurso tecnológico e didático para abordar o colonialismo, a devastação ambiental, o tráfico de animais, a fauna e flora, preservação ambiental, biodiversidade, entre outras temáticas possíveis e pertinentes e que podem potencializar o ensino da Educação Ambiental. Sendo assim, o material pode se constituir em uma estratégia de ensino para orientar professores do Ensino Fundamental I, a partir das atividades propostas, visando a conscientização dos alunos para o tema.

Palavras-chave: Cinema e Educação. Tarzan. Recursos Audiovisuais.

Abstract: Tarzan is a child raised in the wild under the care of the gorilla Kala, after the death of his parents, in Africa. The work demonstrates the boy's development in harmony with nature, in contrast with the other characters who explore the region's natural resources. The Educator's Guide proposes to present the film Tarzan (1999) as a technological and didactic resource to address colonialism, environmental devastation, animal trafficking, fauna and flora, environmental protection, biodiversity, among other possible and pertinent topics that can enhance the teaching of Environmental Education. Thus, the material can constitute a teaching strategy to guide Elementary School teachers, based on the proposed activities, aiming the students' awareness of the topic.

Keywords: Cinema and Education. Tarzan. Audiovisual Resources.

- 1 Mestrado interrompido (2022) em Economia Aplicada pela Universidade Federal de Viçosa. Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2020). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2959167370445358>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2376-4858>. E-mail: lucasccosta@live.com
- 2 Pós-graduanda em Gestão Escola Integradora pela Faculdade Batista de Minas Gerais. Pedagoga formada pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8540923792216390>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1092-156X>. E-mail: jooycepaiva@hotmail.com.
- 3 Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado de Minas Gerais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0438062770334715>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0784-4954>. E-mail: aluizafpinheiro@gmail.com
- 4 Doutorado e Pós-Doutorado em Ensino em Biociências e Saúde pelo Instituto Oswaldo Cruz - Fundação Oswaldo Cruz. Professor da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais e do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde - Instituto Oswaldo Cruz (Fiocruz). Bolsista de Produtividade em Pesquisa da Universidade do Estado de Minas Gerais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3426609037202095>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4420-5406>. E-mail: marcelodiniz@pucminas.br

Introdução

O presente trabalho visa apresentar um guia do educador para o filme “Tarzan”, animação dirigida por Chris Buck e Kevin Lima, produzida pelo estúdio americano Walt Disney Feature Animation e distribuída pela Walt Disney Pictures no ano de 1999.

O intuito é que, com esse guia, o professor possa trabalhar o filme em sala de aula, particularmente com os estudantes do segundo ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental. Com o filme, pode-se abordar temáticas educativas relacionadas à Educação Ambiental, tais como: colonialismo e dominação, exploração e tráfico de animais, conhecimento sobre fauna e flora e relação com o ambiente urbanizado, além da relação entre o que é considerado animal/selvagem e humano/civilizado.

Para cumprir o propósito de ser um guia, serão desenvolvidos aqui os seguintes tópicos: uma revisão de literatura sobre a prática de adotar filmes em sala de aula; a especificação do público-alvo e características deste público; propostas de atividades para serem desenvolvidas em aulas após a exibição do filme; discussões sobre a associação entre os filmes e os eixos temáticos propostos pela Base Nacional Comum Curricular (2017); e, por fim, a apresentação dos temas que o filme aborda.

Fundamentação teórica do Guia do Educador

Os educadores, as escolas e as instituições de ensino já não podem mais ficar indiferentes aos meios de comunicação de massa, pois estes estão presentes na sociedade em muitos aspectos (socialmente e culturalmente). Houve momentos em que o cinema chegou a ser compreendido por muitos como uma afronta à educação formal, uma vez que se mostrava muito mais atrativo – e simultaneamente desconexo – em comparação com as aulas tradicionais. No entanto, como o cinema e outras formas de imagem acabaram por se tornar um elemento central na vida do ser humano, surge a necessidade da escola repensar a educação com base em novos valores e lançar mão de novas fontes e metodologias na transmissão do saber (CARVALHO, 1998)¹.

No processo de ensino e aprendizagem, o uso de recursos didáticos para complementar o que é habitual em sala de aula, tais como as ementas e livros didáticos, é altamente recomendável. Os recursos didáticos, como filmes, histórias em quadrinhos, música, charges, entre outros, permitem aos alunos mais possibilidades para adquirir o conhecimento e, também, dão motivação para aprender determinado assunto (além de outros aspectos positivos). O potencial educativo dos meios de comunicação de massa, em especial dos audiovisuais, é inquestionável (SILBIGER, 2005).

Em muitos casos, a informação assimilada pelos alunos é transmitida principalmente através dos meios de comunicação de massa e da interação social do que propriamente da escola. A arte possui uma natureza figurativa na qual o criador de conteúdo capta a ação da história na vida particular dos indivíduos, apresentando em sua obra os sentimentos, as paixões, os interesses, os sofrimentos e as alegrias que permeiam a vida (CARVALHO, 1998).

A escola tem como uma de suas funções assegurar a relação cognitiva do aluno com os conteúdos e a sua aprendizagem, contribuindo para a sua efetiva inserção na cultura científica (PIRES & MALACARNE, 2018). No entanto, ocorre que a formação acadêmica dos professores, principalmente dos anos iniciais, de acordo com diversos estudos de Delizoicov, Lopes e Alves (2005), Delizoicov (2004), Bizzo (2007), Franco, Libâneo e Pimenta (2007), Libâneo (2006, 2010), Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2011) e Briccia e Carvalho (2016), ainda apresenta carências, em especial em termos do pouco conhecimento dos diferentes conteúdos que integram a disciplina de Ciências (PIRES & MALACARNE, 2018). Por exemplo, o ensino da evolução biológica nas escolas de educação básica apresenta desafios que partem deste problema (formação deficitária de professores de Ciências Naturais e de Biologia), com concepções equivocadas ou distorcidas sobre o assunto, até confrontos de natureza religiosa (YABER & BARROS, 2017).

Levando em consideração que os professores não dispõem de uma formação totalmente

1 O filme foi uma das primeiras tecnologias eletromecânicas a entrar no domínio da educação (KING, 1999).

adequada para o ensino de ciências; e que a compreensão cientificamente correta do conteúdo é fundamental para o entendimento dos processos, os recursos didáticos surgem para auxiliar o professor e tentar minimizar os problemas apontados. Ou seja, em sua prática cotidiana o professor pode tentar proporcionar uma aprendizagem mais efetiva por parte dos alunos se utilizando de recursos didáticos que poderão complementar o que está posto nos livros e apostilas.

O desafio para a produção didática consiste em “seduzir” o aluno, atraindo a sua atenção para o aprendizado de uma forma em que ele se sinta contemplado e que trabalhe de acordo com sua linguagem e gostos. É uma realidade que o educando está acostumado aos efeitos de sons e imagens explorados por Hollywood². Desconsiderar a importância da interação entre afetividade e razão para se produzir conhecimento, significa condenar a produção didática ao fracasso (SILBIGER, 2005). Os recursos didáticos, particularmente os audiovisuais, por exemplo, permitem exemplificar conceitos abstratos, ampliar concepções e pontos de vistas, simplificar a compreensão da realidade e estimular a reflexão sobre fatos/acontecimentos a partir do contato com imagens (CARVALHO, 1998). E segundo Carvalho (1998), “deste modo, o vídeo pode se transformar em um importante recurso pedagógico, visto que a experiência audiovisual exerce uma função informativa alternativa, tornando a realidade mais próxima”³.

Para isto, os recursos didáticos podem ser escolhidos a luz do contexto real de vida dos alunos. E estes serão utilizados para cumprir diferentes funções: sensibilizar (significar algo que precise ser mostrado), ilustrar (representar uma situação ou acontecimento), simular (com o sentido de apresentar algum processo), ensinar (conteúdo que traga informação), interagir (comunicar ou exercitar, produzindo uma atividade), entre outros (MORÁN, 1995).

Para Silbiger (2005), alguns fatores determinam a eficácia do audiovisual na sala de aula. Estes são: os filmes facilitam o pensamento crítico e a solução de problemas; os filmes têm máxima influência quando o seu conteúdo reforça e amplia conhecimentos, atitudes e motivações pré-existentes; quanto mais específica for a determinação do público-alvo e dos objetivos propostos pelo filme, mais os receptores aproveitarão o conteúdo; o alcance de um filme é maior quando seu conteúdo tem relevância direta para o público alvo; as reações diante de um filme variam em função de fatores como a alfabetização cinematográfica, a inteligência abstrata, a experiência prévia em relação ao tema e os preconceitos; quando inserido de forma adequada num projeto didático-pedagógico, o filme tende a ser mais eficaz como instrumento de ensino-aprendizado; as qualidades do educador e a forma como ele apresenta o filme tem relação direta com a eficácia do processo educativo.

A escolha de um vídeo mal elaborado e com defeitos pode acabar com as pretensões do educador em uma aula, mas se o material audiovisual for bem selecionado e estiver aliado a uma proposta didática coerente com os objetivos da aula, estes podem dar mais vida e interesse às atividades de classe (GOMES, 2008).

Em suma, o vídeo em si pode se transformar em um importantíssimo recurso pedagógico uma vez que a experiência proporcionada representa uma função alternativa de disseminar a informação, tornando viável a exemplificação de conceitos até então abstratos, simplificando a compreensão da realidade, estimulando a concepção sobre fatos e acontecimentos e conseqüentemente tornando a realidade cada vez mais próxima.

2 Diversos autores têm considerado que a presença do vídeo na escola guarda uma série de possibilidades como elemento de atração ou de reforço do interesse do aluno, despertando a sua curiosidade e motivando-o (FERRÉS, 1996).

3 Para Carvalho (1998), também, a seleção de filmes precisa seguir um roteiro. O roteiro se resume no seguinte passo-a-passo: selecionar os filmes e estabelecimento de conexão do seu conteúdo e a temática/problemática a serem abordadas; pesquisa dos processos e fatos históricos concernentes aos períodos abordados pelos filmes, assim como à época e lugar que foram produzidos; pesquisa de bibliografias e ideias dos realizadores dos filmes; debate com os alunos sobre o filme e registro dos conteúdos das discussões; fazer leituras complementares para sistematizar o conteúdo visto pelo filme; aprender e fazer uma análise crítica do filme; elaboração de roteiro para a análise fílmica; elaboração de uma ficha técnica com informações sobre o filme (título, diretor, duração, roteiro, fotografia, música, nacionalidade).

Fundamentação teórica sobre o filme / Contextualização / Revisão de literatura

(Pontos a serem desenvolvidos neste tópico: temáticas educativas do filme referentes à educação ambiental - colonialismo e dominação, exploração e tráfico de animais, conhecimento sobre fauna e flora e relação com o ambiente urbanizado, relação entre o que é considerado animal/selvagem e humano/civilizado).

Aspectos para a Educação Ambiental

O colonialismo e a exploração ambiental

O enredo apresenta dimensões profícuas para a discussão sobre a relação estabelecida entre a educação ambiental e o colonialismo que é, em si mesmo, um processo intrinsecamente vinculado à dominação e violação da vida animal, ambiental e humana. A dominação e exploração ambiental configuram-se como condição indispensável no processo de acumulação de capital, não só no desenvolvimento do capitalismo, como também na sua atual dinâmica de continuidade.

Observa-se atualmente os conflitos entre povos tradicionais e a política econômica neoliberal como exemplos desta configuração na acumulação de riquezas. Como enfatizado por Aguiar e Bastos (2012), no que diz respeito a incorporação da natureza na esfera da acumulação capitalista, este é um processo que acontece por meio do tripé: expropriação-apropriação-mercadorização, no qual, a expropriação refere-se a retirada/separação dos homens e trabalhadores de suas terras, “a apropriação surge como o movimento de constituição da propriedade privada” (AGUIAR, BASTOS, 2012) e a mercadorização como a posterior transformação do ambiente natural em mercadoria, devido ao seu valor de troca e utilidade social para o trabalho assalariado.

A transformação e configuração da vida animal e dos recursos naturais em mercadorias, objetos de valor para a geração de riqueza, que é quando bens não mercantis - que não são fruto do trabalho humano - tornam-se mercadoria. Ainda segundo Aguiar e Bastos, “a natureza passa a ter valor pelo que é passível de rentabilizar nos mercados financeiros” (AGUIAR, BASTOS, 2012).

É possível observar ao longo da história do movimento social em prol da educação ambiental que as questões ambientais não se desvinculam das questões políticas e econômicas mais amplas. As questões referentes ao desenvolvimento do capitalismo e sua constante colonização e reificação da vida, como as que são discutidas nos parágrafos anteriores, relacionam-se de maneira pertinente à educação ambiental. Historicamente, o domínio sobre a natureza, visto como progresso, abriu espaço para a conscientização ambiental (RINK, 2009), estando a preocupação com a natureza relacionada às discussões em torno dos processos de desenvolvimento das sociedades humanas.

O tráfico de animais e a relação entre o que é considerado animal/selvagem e o que é considerado humano/civilizado

Ainda dentro de concepções colonialistas, o tráfico de animais ocorre sob uma determinada estrutura de poder e dominação. Quanto à estrutura colonial, o que se considera como animal/selvagem ou humano/civilizado se enraíza na percepção de que aquilo que se apresenta distante e estranho da cultura branca, eurocêntrica e hegemônica, passa a ser caracterizado e considerado como não-humano e selvagem. Tristão (2014) enfatiza as questões concernentes aos diferentes processos coloniais e que estes possuem características que se diferem a depender do país colonizado. No que diz respeito aos países latino-americanos, “[...]a força da colonização representava a riqueza ou ascensão da conquista da terra, [...]” (TRISTÃO, 2014, p. 477), um aspecto que não se deve ignorar ao falar-se sobre Educação Ambiental. A discussão a respeito do tráfico de animais no âmbito do território brasileiro também se constitui em temática bastante relevante. De acordo com

Insaualde, Guia e Felix (2010) trata-se de um território que é alvo constante do tráfico de animais e da biopirataria demonstrando o quanto é necessário aos educadores e educadoras, como também aos educandos, estarem atentos às questões que podem parecer longínquas, mas que estão muito próximas de todos os cidadãos. Independentemente da região e localidade geográfica onde se esteja, ao falarmos de educação ambiental, é necessário considerarmos a natureza sistêmica do ambiente, que geram causas e efeitos que afetam toda a vida na Terra.

O estranhamento da cultura hegemônica com o seu diferente, resultou na estigmatização e dominação de povos originários, de suas terras e animais. A cultura considerada civilizada justificava a dominação e violação em prol de algo maior e benéfico, que no caso, seria levar a “salvação” às terras e povos considerados selvagens, conduzindo-os à civilização, à modernização. Podemos relacionar estas questões ao fato de que os povos e animais nativos possuem uma relação profunda e identitária com seus locais de origem, afinal “é por meio da natureza que produzimos nossas identidades, da diversidade de ser vivo entre os outros seres vivos e da unidade com a identidade humana” (TRISTÃO, 2014).

Historicamente, alguns dos processos colonialistas de países e continentes distantes sofreram semelhantemente a mesma exploração e, estão, de certa maneira interligados. De acordo com Federici (2017), os nativos americanos colonizados, os africanos escravizados e ameríndios passaram por um processo de demonização de suas práticas com a terra, de seus rituais e culto aos deuses locais de maneira semelhante a caça às bruxas das mulheres na Europa:

A caça às bruxas e as acusações de adoração ao demônio foram levadas à América para romper a resistência das populações locais, justificando assim a colonização e o tráfico de escravos ante os olhos do mundo (FEDERICI, 2017, p.357).

Percebemos que a colonização na América Central e do Sul muito relacionaram-se com a colonização dos territórios africanos, e tratando-se de sujeitos considerados inferiores pela figura do homem branco europeu, também percebemos semelhanças na demonização dos grupos de mulheres europeias camponesas no período transicional do feudalismo para o capitalismo, transição destacada por Federici (2017) como uma imposição violenta sobre as populações camponesas locais. O que se demonstra é que, em se tratando de processos históricos colonialistas, regiões do globo e populações inferiorizadas possuem semelhanças: o “*considerar selvagem*” e a posterior *dominação* podem ser vistos como dois lados da uma mesma moeda. No Brasil, Magalhães (2002) explicita que os primeiros registros de animais silvestres brasileiros enviados à outros países datam da época do descobrimento do Brasil com a chegada dos portugueses a este país, tal como se pode ver no seguinte trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha a El Rei D. Manuel do dia 1º de maio de 1500:

Resgataram lá por cascavéis e outras coisinhas de pouco valor, que levavam, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos, e carapuças de penas verdes (...) Vossa Alteza todas estas coisas verá, porque o Capitão vo-las há de mandar, segundo ele disse (CORTESÃO, 2003).

No enredo do filme, Clayton vem a configurar-se como o ideário colonizador-opressor que vê as terras africanas e sua fauna como passíveis e próprios para serem explorados, não só em termos de exploração da natureza, mas, primeiramente, na captura e tráfico das espécies de gorilas na África. Na concepção ideológica de Clayton, os animais são apenas um bem para a venda e subsequente lucro e, sendo o tráfico de animais selvagens, ainda hoje, um dos negócios ilegais mais lucrativos no mundo, a discussão da problemática é muito necessária, considerando que “a fauna silvestre é um bem de uso comum do povo e essencial à qualidade de vida”, sua exploração faz parte de um projeto nefasto de produção de renda e lucro que não só desrespeita, mas mata as diversas formas de vida. Além do mais, a exploração e tráfico de animais silvestres afetam também a natureza e seus biomas, ocasionando também a transmissão de “doenças graves, inclusive desconhecidas, para as criações domésticas e para o homem, acarretando sérias consequências sanitárias para o país importador” (INSAURALDE, GUIA E FÉLIX, 2010, p.2010).

Conhecimento sobre fauna e flora e relação com o ambiente urbanizado

Neste tópico, torna-se essencial abordar com os estudantes aspectos da própria história natural, bem como o conhecimento sobre as espécies de plantas e de animais que são apresentados no filme. Louv (2016), traz aspectos muito importantes sobre a presença das crianças e jovens na natureza e as consequências benéficas deste contato para o seu desenvolvimento. Talvez ainda estejamos distantes de uma educação ambiental que abarque o contato direto das crianças com os locais naturais dentro das escolas, mas é válido dizer que o aprendizado sobre este ambiente natural pode estar sim no gramado do lado de fora da sala de aula, como registra Louv (2016). Dentre estes aspectos, o autor apresenta uma crítica, que nos diz ser um tanto divergente entre ambientalistas e educadores, a respeito do conceito de ecofobia. A ecofobia seria o medo da deterioração da natureza, devido à algumas abordagens, muitas vezes apocalípticas, dadas aos assuntos que dizem respeito à educação ambiental e a preservação da natureza. De acordo com Louv (2016), “carentes de uma experiência com a natureza, as crianças começam a associá-la a medo e apocalipse, não a alegria e encantamento. [...] Do ponto de vista emocional, elas se fecham.”, ou seja, por não vivenciarem experiências encantadoras e belas com a natureza, as crianças, a depender da abordagem e do constante enfatizar sobre a destruição ambiental, se afastariam ainda mais da educação ambiental e da importância do cuidado com a natureza. Obviamente, a educação ambiental sendo experienciada de maneira estética e bela, não diminui em nenhum aspecto a necessária abordagem crítica sobre as questões ambientais, sugerindo-se inclusive que as duas concepções possam ser abordadas conjuntamente. O filme Tarzan traz imagens que encantam e que abordam o natural com sua beleza e potência para o encantamento das crianças a respeito do mundo natural. A depender da condução dada pelos professores e professoras responsáveis, a discussão pode ser bastante rica, de uma maneira que atraía pela beleza e riqueza sobre a fauna e flora. É uma oportunidade de abertura para a discussão, a fim de dialogar com os estudantes sobre os lugares que ainda não foram urbanizados e a importância de preservá-los. Já há algum tempo, tem-se uma apreensão presente nas discussões sobre educação ambiental, que de acordo com Pegoraro (1998, p.1) é devido “ao modo de vida ocidental moderno, especialmente do habitante dos grandes centros, possa limitar a compreensão e extensão do que representa a diversidade de espécies e seu empobrecimento através da extinção”. A falta de reconhecimento das crianças sobre a diversidade da fauna e da flora em seu próprio ambiente de convívio é um aspecto a ser pensado dentro da educação ambiental, sendo importante propiciar este contato através de estudos sobre as espécies que estão próximas a região da escola, ou na própria escola, por exemplo, e das espécies que estavam ali antes da região ser urbanizada. O filme Tarzan traz uma ótima oportunidade para se trabalhar esta questão em sala de aula.

Eixo temático na BNCC

O Ensino Fundamental compreende a maior etapa de ensino no decorrer da Educação Básica, sendo composto por nove anos de duração, divididos entre duas fases: Anos Iniciais (1º ao 5º) e Anos Finais (6º ao 9º), trabalhando com estudantes entre 6 e 14 anos de idade. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) do Ensino Fundamental - Anos Iniciais, visa dar continuidade ao trabalho lúdico proposto na Educação Infantil, proporcionando assim aos estudantes a soma dos aprendizados adquiridos anteriormente acrescidos das novas experiências pautadas na autonomia, ampliando assim os saberes.

Inicialmente a Base Nacional Comum Curricular determina dez competências gerais que devem promover o aprendizado durante a Educação Básica, aspirando assim “uma formação humana integral que vise à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2017, p.251). Cabe salientar que na BNCC (2017) competência é definida como

A mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BNCC, 2017, p. 8)

Dentro desse contexto vale ressaltar que a BNCC (2017) determina para cada área de ensino as próprias competências específicas.

A BNCC (2017) contempla a área de Ciências da Natureza com um olhar desafiador, considerando uma nova perspectiva da investigação científica, comungando com as demais áreas do conhecimento, possibilitando assim a consolidação dos conceitos fundamentais e estruturantes. Esses aspectos se relacionam com as competências específicas da área de Ciências da Natureza. O componente curricular de Ciências segue oito preceitos que o aluno deve desenvolver, entre eles,

8. Agir pessoal e coletivamente com respeito, autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, recorrendo aos conhecimentos das Ciências da Natureza para tomar decisões frente a questões científico-tecnológicas e socioambientais e a respeito da saúde individual e coletiva, com base em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários (BRASIL, 2017, p. 324)

Além disso, para melhor organização, elaboração e formação dos currículos de Ciências, esse componente curricular foi dividido em três unidades temáticas, a saber: Matéria e Energia (estudo de materiais e suas transformações); Vida e Evolução (estudo de questões relacionadas aos seres vivos); Terra e Universo (Terra, Sol, Lua e outros corpos celestes). Inicialmente essa segmentação foi realizada para dar ênfase às aprendizagens essenciais que devem ser desdobradas no decorrer do Ensino Fundamental.

É importante ainda citar que a Base Nacional Comum Curricular apresenta habilidades a serem desenvolvidas para cada ano do ciclo. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, 1996) acresce ainda em seu Art. 26º, alterada pela Lei nº 12.796 de 2013, que os currículos da Educação Básica devem ter a base, porém ampliada de acordo com as especificidades do sistema de ensino, acrescentando assim, dimensões culturais, regionais e locais da sociedade, da economia e dos estudantes. Diante de tal concepção é necessário lembrar que o papel da BNCC, segundo Cabral e Jordão (2018, p.117) “é subsidiar a elaboração do currículo desses espaços [...]”, logo, o professor necessita expandir sua atuação em consonância com a elaboração do Plano Político Pedagógico (PPP).

Outro aspecto fundamental observado na BNCC (2017) é o uso da palavra Educação Ambiental (EA), pois o termo aparece somente uma vez na introdução do documento, fazendo um recorte aos temas contemporâneos como possibilidades a serem trabalhadas pelas escolas, “preferencialmente de forma transversal e integradora” (BRASIL, 2017, p. 19) e citam a Lei nº 9.795/1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências:

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (BRASIL, 1999).

Atualmente o debate acerca das políticas ambientais, exploração ambiental, questões ideológicas e sociais, descarte e produção do lixo, práticas inadequadas e entre outros, se fazem presente na sociedade de forma assídua, criando uma (nova) perspectiva quanto aos impactos globais. No contexto escolar, tais debates e questionamentos sobre essa temática precisam ser priorizados, formando um cidadão crítico, participativo, consciente das suas atitudes quanto ao mundo através da investigação científica. De acordo com Behrend et al. (2018), a Educação Ambiental nas escolas demanda uma “perspectiva crítica, emancipatória e transformadora, a qual

busca a problematização das relações sociais e aposta no educar para emancipar e não alienar”. (BEHREND et al. 2018, p. 86)

Em suma, percebemos que abordagem na BNCC quanto a Educação Ambiental é falha, exposta superficialmente, com poucas palavras citadas no documento, como sustentabilidade socioambiental, consciência socioambiental, qualidade ambiental, e que foram apresentadas entre as competências gerais, áreas da Ciências da Natureza e Geografia. Entretanto, reforçamos que a Educação Ambiental nas escolas não precisa ser limitada a BNCC (2017), mas que pode ocorrer em um viés transdisciplinar e factual, de forma a promover a conscientização ambiental e a atuação do ser no mundo.

O Guia do Educador / Explorando o filme

Neste tópico do trabalho serão apresentados alguns trechos do filme, apresentando algumas possibilidades de uso em sala de aula, visando promover a conexão entre o recurso didático e o conhecimento técnico-científico-curricular. Vale ressaltar que, antes de exibir o filme, é necessário contextualizar este com os alunos, de modo a apontar o que se deseja que eles vejam com mais atenção.

Figura 1. Imagem da fauna e flora africana. Captura de cena. Tempo: 00:01:18



Fonte: TARZAN. Direção de Chris Buck. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999. 1 DVD (88 min.).

Figura 2. Imagem da flora africana. Captura de cena. Tempo: 00:01:41



Fonte: TARZAN. Direção de Chris Buck. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999. 1 DVD (88 min.).

Figura 3. Imagem da fauna e flora africana. Captura de cena. Tempo: 00:01:52



Fonte: TARZAN. Direção de Chris Buck. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999. 1 DVD (88 min.).

Figura 4. Imagem da flora africana. Captura de cena. Tempo: 00:08:02



Fonte: TARZAN. Direção de Chris Buck. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999. 1 DVD (88 min.).

Estas cenas iniciais do filme podem ser utilizadas para ilustrar a fauna e a flora do continente africano, evidenciando locais em que as cidades e a urbanização ainda não estão presentes. O professor pode discutir com os alunos como preservar estes locais e a variedade de vida disponível neles, além de ressaltar a importância de zonas verdes para a manutenção do equilíbrio microclimático.

Figura 5. Clayton abre a floresta cortando a mata com um facão. Captura de cena. Tempo: 00:31:36



Fonte: TARZAN. Direção de Chris Buck. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999. 1 DVD (88 min.).

Nesta cena, Clayton abre a mata para o caminho com um facão. O professor pode pedir aos alunos para que fiquem atentos ao discurso do personagem, pois Clayton expressa a síntese do pensamento colonialista europeu da época. Ele afirma primeiramente que “nasceu para explorar terras como a África”, mas não completa a frase, onde sua continuação é que “Deus havia criado a África...”, deixando subentendido que a função daquele território era restrita a exploração dos recursos naturais. No decorrer desta mesma cena, Clayton se refere aos animais como “simples feras selvagens e irracionais”.

Figura 6. Animais amigos de Tarzan promovem uma bagunça no acampamento dos recém-chegados ingleses. Captura de cena. Tempo: 00:44:13



Fonte: TARZAN. Direção de Chris Buck. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999. 1 DVD (88 min.).

Cena da bagunça no acampamento. A gorila amiga de Tarzan, Terk, questiona “que feras primitivas seriam capazes de tal bagunça”. É possível perceber a relativização do uso do espaço e das ferramentas e acessórios modernos, isto é, como que para os animais aquilo não possui função prática. O professor pode chamar a atenção para este ponto, levando o tema para discussão em sala de aula.

Figura 7. Kerchak proíbe os gorilas de se aproximarem dos humanos. Captura de cena. Tempo: 00:46:55



Fonte: TARZAN. Direção de Chris Buck. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999. 1 DVD (88 min.).

Cena de uma conversa entre os gorilas pertencentes à mesma comunidade, na qual o líder Kerchak proíbe os gorilas de se aproximarem dos humanos. É possível perceber que, na presença de humanos, os animais se escondem e os encaram como predadores.

Figura 8. Clayton deixa subentendido suas intenções. Captura de cena. Tempo: 00:56:52



Fonte: TARZAN. Direção de Chris Buck. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999. 1 DVD (88 min.).

Clayton deixa subentendido que tem um plano ruim. Claramente já é possível associar a ideia de capturar gorilas. Esta cena específica é essencial para compreender o enredo do filme, e sua importância deve ser reforçada pelo Professor.

Figura 9. Kala e outros gorilas são capturados e enjaulados. Captura de cena. Tempo: 01:12:06



Fonte: TARZAN. Direção de Chris Buck. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999. 1 DVD (88 min.).

Início da captura dos gorilas na selva. Os capangas de Clayton se utilizam de armas de fogo e jaulas. É possível perceber a agonia dos animais, que é retratada artisticamente através da animação, constituindo-se em um momento importante para se trabalhar a conscientização dos alunos.

Público-alvo

Este guia foi desenvolvido para potencializar a prática dos professores do 2º ano do Ensino Fundamental. As atividades didáticas foram planejadas para crianças de 7 a 8 anos de idade, no entanto, as mesmas podem ser adaptadas e aplicadas nos demais anos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

Avaliação / Atividades sugeridas

Atividade 1: Conhecendo a realidade do nosso país - consciência socioambiental

Conversar com os alunos a respeito da exploração da floresta e das atitudes de Jane e Professor Arquimedes, com o intuito de pesquisar sobre a vida dos gorilas e as intenções e atitudes de Clayton, desmatando e planejando o tráfico de animais, entre outras ações. Pontuar como a exploração dos ambientes acontecia e qual é a realidade hoje, apesar da existência das leis e proteção dos animais e reservas. O professor pode levar reportagens diversas, imagens, vídeos e mapas que mostram o desmatamento, tráfico de animais, queimadas, exploração dos recursos naturais, por exemplo em nosso país. Além disso, pode associar essa discussão à análise de gráficos, verificando em qual proporção se encontram nossas reservas ambientais, tanto do país, no estado e ou cidade onde os estudantes residem. Paralelamente a essa atividade, pode incluir uma pesquisa sobre a África, onde se passa o filme, investigando a respeito da vida dos gorilas, tráfico de animais, biodiversidade e a preservação ambiental. Recomenda-se discutir com os alunos possíveis soluções e atitudes, preferencialmente com o envolvimento de toda comunidade escolar, para contribuir e reverter esse cenário. Os alunos podem fazer uma carta colaborativa aberta à comunidade, registrando no seu caderno e ou cartazes, divulgando nos murais da escola, sites, jornais e outros meios de comunicação.

Sugestão: Se possível agendar uma visita guiada ao Zoológico e abordar com as crianças o trabalho que eles desenvolvem com animais resgatados do tráfico, circo, de criadores ilegais e outras situações.

Atividade 2: Pesquisa sobre problemáticas atuais - Covid-19

Uma questão pertinente para discussão e proposta como atividade de pesquisa relaciona-se com a pandemia ocasionada pela Covid-19. A respeito de zoonoses, que são doenças transmitidas entre animais não humanos e humanos, uma questão bioética é posta em jogo. Existem algumas variáveis a respeito da origem do novo coronavírus (SARS-Cov-2), questões estas que entram nas discussões discutidas no presente texto: a biopirataria (tráfico de animais) e a relação entre os humanos e animais não humanos. Lima (2020), aponta três dinâmicas relacionadas com a presença do coronavírus em animais não humanos: “1- a zooterapia praticada pela medicina tradicional chinesa; 2- as interações de manejo e venda da fauna em mercados atacadistas de animais vivos, 3- o constante tráfico internacional ilegal de múltiplas espécies.” Um dos ramos que o autor ressalta sobre a origem da Covid-19, apresenta a hipótese de que a Covid-19 foi originada em morcegos. Lima (2020) se refere à quando

Em maio de 2020, Peter Ben Embarek, especialista em zoonoses e doenças alimentares da OMS, comunicou que a Covid-19 foi originada em morcegos, dada à semelhança metagenômica da Sars-Cov-2 com o coronavírus encontrado nestes mamíferos voadores. Cabe lembrar que morcegos são reconhecidos como reservatórios de coronavírus. (LIMA, 2020)

Mas, o autor também se refere a outros mamíferos portadores de coronavírus semelhantes à Sars-CoV-2 como, por exemplo, os coronavírus localizados nos pangolins malaios (Lima, 2020), uma espécie muito utilizada na medicina tradicional chinesa, mas também alvo do tráfico de animais devido a sua redução nos mercados asiáticos. As discussões sobre a origem do vírus, como dito anteriormente, é um pouco incerta, mas, várias pesquisas apontam para possibilidades a este respeito.

É sugerida nesta atividade uma pesquisa sobre a origem do Covid-19, para posteriormente ser discutido em sala de aula as problemáticas das informações e dos dados encontrados. É importante a condução do professor para questões pertinentes aos tópicos levantados, a maneira como os seres humanos se relacionam com os animais não humanos e as diversas espécies e as entraves que podem surgir de um relacionamento danoso e de dominação quando mantido pelos seres humanos. Será proposto aos alunos

que pesquisem na internet a respeito do tema e que levem para a sala de aula as informações impressas sobre o que encontraram. Após as discussões a respeito da pesquisa, o professor pode propor a escrita de um texto que aborde uma possível convivência harmoniosa e de coexistência entre os humanos e os animais não-humanos.

Outras questões geradoras poderão surgir durante as discussões com os estudantes e devem ser mediadas pelo professor. O texto coletivo poderá ser exposto em cartazes ou dar origem à folhetos que poderão ser expostos ou entregues para a comunidade escolar.

Atividade 3: Sensibilização e elaboração sobre as temáticas abordadas - criação artística

Após assistirem ao filme Tarzan e depois das discussões das atividades anteriores, em sala de aula ou em um ambiente apropriado - já preparado anteriormente pelo/a professor/a responsável - será proposto um debate com a turma sobre as temáticas abordadas durante o percurso, dúvidas à respeito de conceitos que ainda não ficaram esclarecidos, por exemplo, o conceito de espécie e outras curiosidade que devem ser mediadas e explicadas pelo professor. Mas, este é um momento de ouvir os alunos, perguntar sobre quais foram os pontos importantes destacados pela turma e pedir que identifiquem quais os sentimentos estiveram presentes ao assistirem ao filme, durante o decorrer das atividades e o porquê. Após a conversa com a turma, convidar os/as estudantes para que registrem de maneira criativa suas experiências. O registro poderá ser feito com diversos materiais, sugere-se lápis de cor, lápis para desenho e uma folha tamanho A3 com gramatura de 180g, mas outros materiais também podem ser disponibilizados na falta destes, como os materiais de pintura e outros já disponíveis pela escola. O importante é permitir que os alunos se expressem livremente após a condução da discussão anterior. O desenho é uma linguagem muito potente para crianças e permite que elaborem o que pensam e sentem sobre os assuntos que as perpassam.

Considerações Finais

Neste trabalho foi discutida a importância da utilização de recursos didáticos, particularmente do filme, em sala de aula. Procuramos apresentar aos leitores os benefícios do uso deste tipo de “estratégia” didático-pedagógica bem como apresentar alternativas que existem para fazer com que os alunos se interessem por conteúdos científicos.

É verdade que a maioria dos recursos didáticos é pensada a partir de perspectivas mais tradicionais de ensino. Criam-se recursos didáticos, muitas vezes, para servir de maneira complementar ao modelo tradicional de ensino. Evita-se pensar no uso de filmes comerciais, músicas populares, livros *best seller*, entre outros, pois estes não estão diretamente associados à educação. Contudo, são com estes produtos artísticos e culturais que a maioria dos alunos tem contato e acabam vivenciando suas experiências. Adequar o que é da cultura popular para a escola tem se provado cada vez mais construtivo e produtivo.

É importante aqui ressaltar duas coisas. A primeira, é que o filme Tarzan pode ser utilizado em diversas outras temáticas e outros contextos, ainda dentro do eixo temático das ciências naturais e além da Educação Ambiental. Em algum momento no filme, por exemplo, é cogitado que Tarzan seja o “elo-perdido”. Esta discussão pode aproximar os alunos de conceitos abordados na Teoria da Evolução. Até é citado num diálogo durante o filme que “Tarzan poderia conhecer Charles Darwin”, notável inglês e considerado por muitos como pai da Teoria da Seleção Natural. Outro elemento interessante é que o filme possui um certo significado antropológico. O encontro de Tarzan e Jane ocorre desta forma, como um nativo de uma sociedade primitiva conhece um estrangeiro de uma sociedade complexa. Tarzan não conhece a sociedade, os costumes e nem sabe como se comunicar. O que Tarzan é, como ele existe, entre outras questões, ainda são instigantes para a humanidade como um todo, pois ainda não sabemos se alguém como ele é possível existir⁴.

4 Ainda não foi experienciado, não sendo possível saber, como se daria o crescimento de uma criança que ainda não cresceu em sociedade, isto é, como ela agiria e o que a guiaria em relação a valores éticos, morais e sociais.

Por fim, o filme também tem um significado emocional importante, permitindo que os alunos mais novos reflitam sobre várias questões sentimentais, como a morte, a relação amorosa entre pais e filhos e a aceitação social. A trilha sonora do filme contribui para que tais reflexões sejam feitas. Em segundo plano, contudo, vale lembrar que o filme Tarzan reforça vários estereótipos sobre a África e a cultura africana. É importante ver o filme – e reforçar com os alunos⁵ – sob um olhar crítico.

A conscientização ambiental é uma atividade importante e deve ser ressaltada na escola, uma vez que as nossas práticas enquanto sociedade estão destruindo cada vez mais a natureza: produzimos muitos resíduos, exploramos os recursos naturais, desmatamos as florestas, entre diversas outras ações. Fazer com que os alunos percebam esta dimensão de suas ações enquanto seres humanos através de filmes comerciais pode contribuir para que eles tanto ampliem o conhecimento, quanto para que se conscientizem sobre o seu papel na preservação do planeta.

Após o texto do artigo, os autores deverão elaborar suas considerações finais. Elas devem ser breves e responder às questões da pesquisa levantadas na introdução, correspondentes aos objetivos e hipóteses, e apontar as principais contribuições da pesquisa, podendo apresentar recomendações para trabalhos futuros.

Referências

AGUIAR, João Valente; BASTOS, Nádia. **Uma reflexão teórica sobre as relações entre natureza e capitalismo**. R. Katál., Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 84-94, jan./jun. 2012.

BEHREND, D. M.; COUSIN, C. DA S.; GALIAZZI, M. DO C. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: O QUE SE MOSTRA DE REFERÊNCIA À EDUCAÇÃO AMBIENTAL? **Ambiente & Educação**, v. 23, n. 2, p. 74-89, 26 nov. 2018. Acesso em: 18 nov. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 22 nov. 2020.

BRASIL. **Lei n. 12.796, de 4 de abril de 2013**: altera a Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília: Planalto Central, 2013. Acesso em: 22 nov. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: . Acesso em: 22 nov. 2020.

BRASIL. **Lei n. 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Brasília: 27 de abr. de 1999. Disponível em: . Acesso em: 22 nov. 2020.

CABRAL, L., & JORDÃO, R. BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR: CIÊNCIAS E MULTICULTURALISMO. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.18, n.1, p.111-136 jan./mar. 2020. Acesso em: 19 nov. 2020.

CARVALHO, Elma Júlia Gonçalves de. **Cinema, História e Educação**. Revista Teoria e Prática da Educação, v. 3, n° 5, p. 121-131, Set/1998.

CORTESÃO, J. **Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o Achamento do Brasil**. Texto integral. São Paulo: Martin Claret, 2003.

⁵ Ensinar aos alunos a terem uma percepção questionadora de tudo que lhes é apresentado, principalmente em relação a produtos comerciais de massa.

FEDERICI, Sílvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpos e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

FERRÉS, J. **Vídeo e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GOMES, Luiz Fernando. Vídeos didáticos: uma proposta de critérios para análise. **Rev. Bras. Estud. Pedagógicos**, v. 89, n. 223, 2008.

INSAURALDE, Ana Lígia da Silva; GUIA, Marcielly Moura Reis da; FÉLIX, Giseli Dalla Nora. **O tráfico de animais e suas consequências**. In: ENCONTRO NACIONAL DOS GEÓGRAFOS, XVI, 2010, Porto Alegre. Artigo publicado em anais de congresso. Porto Alegre: ENG, 2010.

KING, K. The Motion picture in Science education: "One Hundred percent efficiency". **Journal of Science Education and Technology**, v. 8, n. 3, p.211-216, jun. 1999.

LIMA, Rodrigo Ramos. **Especial Covid-19: A covid-19 e a relação entre humanos e animais: zoonoses e zooterapias**. Casa de Oswaldo Cruz. Disponível em <http://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1816-especial-covid-19-a-covid-19-e-a-relacao-entre-humanos-e-animais-zoonoses-e-zooterapias.html?tmpl=component&print=1&page=#.X71OgshKhPZ> Acesso em 24 novembro, 2020.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

MAGALHÃES, Janaina Silvestre. **Tráfico de animais silvestres no Brasil**. 2002. Monografia (Especialização em Licenciatura em Ciências Biológicas) - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2002.

MORÁN, José Manuel. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação**, São Paulo, SP, 2 - 27 a 35, jan. abr. 1995.

PEGORARO, João Luiza. **Educação ambiental: a temática da flora, da fauna e dos ambientes naturais (expressões da biodiversidade) a partir da educação ambiental**. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

PIRES, Elocir Aparecida Corrêa; MALACARNE, Vilmar. Formação inicial de professores no curso de pedagogia para o ensino de ciências: representações dos sujeitos envolvidos. **Investigações em Ensino de Ciências**, vol. 23, n. 1, pág. 56-78, 2018.

RINK, Juliana. **Análise da produção acadêmica apresentada nos encontros de pesquisa em educação ambiental (EPEA)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SILBINGER, Lara Nogueira. **O potencial educativo do audiovisual na educação formal**. USP Comunicação e Artes. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/silbiger-lara-potencial-educativoaudiovisual-educacao-formal.pdf>. Acesso em 20 nov. 2020,12h01min.

TARZAN. Direção de Chris Buck. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1999. 1 DVD (88 min.).
TRISTÃO, Martha. A Educação Ambiental e o pós-colonialismo. **R. Educ. Públ. Cuiabá**, v. 23, n. 53/2, p. 473-489, maio/ago. 2014.

YABER, R. L. da S.; BARROS, M. D. M. de. Estudando a evolução biológica por meio de histórias em quadrinhos. **Trilhas Pedagógicas**, v. 7, n. 7, ago. 2017, p. 103-122.

Recebido em: 17 de janeiro de 2022.

Aceito em: 21 de março de 2022.